



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

## PEREGRINAÇÃO DE FEVEREIRO, 13

### PASTORAL COLECTIVA

O nosso Venerando Episcopado acaba de publicar uma formosa Pastoral Colectiva na qual se resumem as graças e bênçãos das mãos da Virgem Santíssima descidas sobre a nossa querida Pátria. Como passe este ano o III centenário da sua aclamação e coroação como Padroeira e Rainha da Nação Portuguesa os Senhores Bispos convidam-nos a celebrar essa festa com a maior piedade e devoção.

Haverá solenidades em Lisboa e em Vila Viçosa em honra de Nossa Senhora da Conceição.

Na Fátima proceder-se-á em 13 de Maio à coroação da imagem de Nossa Senhora que se venera na capelinha das aparições.

Porque nos diz respeito mais de perto transcrevemos para aqui as passagens seguintes:

#### O MILAGRE DE FATIMA

Mas é sobretudo o milagre de Fátima a prova fulgurante de que, pelo lado da Padroeira, o pacto solene de 1646 continuava em pleno vigor. Quis a própria Mãe de Deus descer à terra portuguesa, trazer-nos um pregão de bênção e de amor, prometer-nos graças preciosas e chamar-nos à compreensão dos nossos deveres e dos nossos destinos. Reinava a desolação nas almas, tantas das quais julgavam quebrado de vez o fio de ouro das nossas glórias e esmagada para sempre a consciência cristã; mas à luz da celeste aparição o horizonte da pátria iluminou-se, raiou a aurora de um novo dia, sentíamos que não estávamos abandonados nem esquecidos, e um frêmito de vida nova galvanizou o país de norte a sul. Ouvem-se ainda os ecos das festivas comemorações com que há quatro anos Portugal cristão celebrou as bodas de prata, os vinte cinco anos volvidos sobre o grande acontecimento. Estava-se então em plena efervescência de guerra, a terra tremia com os embates das hostes armadas, com o troar dos canhões, com o rolar dos engenhos mortíferos, e cá neste jardim da Europa à beira mar plantado cantava-se um

(Continua na 2.ª página)

### NAS MÃOS DE DEUS

Rendeu a sua alma a Deus no passado dia 24 em Lisboa o ilustre poeta Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira que, além de muito trabalho de servita deixa o seu nome ligado ao culto de Nossa Senhora pela letra do «Ave de Fátima» e pela composição da letra da Oratória de Fátima para a qual Ruy Coelho escreveu a música. Deus lhe pague e sua Mãe Maria Santíssima.

A família enlutada os nossos pésames.

O dia 13 de Fevereiro último foi um dia de sol, verdadeiramente primaveril, por toda a extensão do planalto em que se encontra situada a Cova da Iria.

Certamente por esse motivo a peregrinação mensal ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, sem exceder consideravelmente o número habitual deromeiros no ciclo do inverno, constituiu no entanto um grupo de peregrinos bastante regular.

Ao meio dia, depois da recitação do terço junto da capela das aparições, organizou-se a procissão que conduziu a veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima para o pedestal colocado junto do altar, no Pavilhão dos Doentes pois

### ACÇÃO CATÓLICA Zêlo Apostólico

Quando no coração arde o fogo de um grande ideal, nem sempre a generosidade é discreta e oportuna. Talvez até se considere a prudência como simples comodismo. Pelo que respeita ao apostolado, de-seja-se converter o mundo num momento. Mas como tal não é possível, com frequência se cai em desalentado pessimismo, que mata ou mingua o esforço para o trabalho obscuro e perseverante.

O Senhor deixou-nos o exemplo do zelo reflectido e sereno. A sua vida decorre no silêncio, durante largos 30 anos. E, quando aparece em público, é para preparar os corações e doutrinar os espíritos, com tranqüila paciência. Ao terminar a divina aventura da nossa vida, ainda ficaram por esclarecer problemas de importância transcendente, e só então começaram os apóstolos a compreender o alcance dos seus discursos luminosos, e a sentir o fogo vivo de um amor que havia de vencer o próprio martírio. O Espírito Santo recordar-lhes-ia tudo quanto tinham ouvido, e anunciar-lhes-ia misteriosos acontecimentos futuros.

Na formosa parábola do trigo e do joio, expôs Jesus com clareza a necessidade da prudência nas jornadas do apostolado.

Loucura seria arrancar a erva daninha, logo que se deu pelo seu aparecimento. Fazendo-o, inutilizar-se-ia a sementeira do bom grão. Só na altura da ceifa os servos zelosos — que aliás deixaram que o «homem inimigo» lançasse à terra a semente do joio — fariam a destriça necessária, então já sem perigo de prejudicar a colheita.

A generosidade não pode estar sujeita a impulsos intempestivos nem aos caprichos da paixão.

Há horas para tudo. Em primeiro lugar, o apostolado deve ser reflectido e sobrenatural — pensar seriamente nos problemas que urge resolver; orar fervorosamente ao Senhor, para que torne fecunda a acção que se realiza.

Desejo veemente sentia Jesus de ser baptizado no seu sangue, porque do seu martírio surgiria a luz. No entanto, muitos anos se passaram, antes de consumir o sacrifício do Calvário.

Depois, o verdadeiro apostolado exige que se trabalhe com serenidade. A agitação não é sinónimo de fecundidade. As grandes causas não se vencem com atropelos nem com discursos importunos, que as almas não se iluminam nem se orientam a murro. É necessária firmeza, que muitas vezes reclama energia inflamada, mas não se confunda tal virtude com violência perturbante, que pode roçar pela injustiça clamorosa.

Impõe-se ainda o culto da perseverança. Somos trabalhadores de uma obra que só pode ser concluída pela graça do Senhor. Não se dispensa o nosso concurso, mas a iluminação das almas realiza-se apenas quando a Deus apraz. Desta verdade devemos estar certos: não é inútil o nosso sacrifício, quando realizado com pureza de intenção.

Daí, finalmente, a confiança que deve aquecer o nosso zelo. Como ensina a Escritura e a inteligência compreende, Deus é fiel às suas promessas. Estará sempre conosco, enquanto pela graça estivermos com Ele. Fará florir e frutificar o nosso apostolado, pois que nem sequer deixa sem recompensa o copo de água dado em seu nome.

o povo não cabia dentro da igreja. Ali se celebrou a Missa dos doentes e se efectuaram as cerimónias religiosas.

A missa foi celebrada pelo rev. P.º Orlando Ferreira dos Santos, acolitado pelo Rev. P.º João Marques de Miranda, ambos prefeitos e professores no Seminário missionário de Nossa Senhora da Fátima, da Cova da Iria, cujos alunos assistiram junto do altar, do lado da Epístola, a todos os actos religiosos que aí se realizaram.

Os seminaristas cantaram a Missa dos Anjos com acompanhamento de harmónio.

Ao Evangelho fez a homilia o rev. P.º Cassiano dos Santos Abranches, S. J., que tinha ido a Fátima, a fim de dar os santos exercícios espirituais às religiosas do Carmelo de S. José. Falou sobre a solenidade do dia — a Festa, tão portuguesa, das Cinco Chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, representadas na bandeira das Quinas — a bandeira de Portugal — desde o princípio da sua existência como nação livre e independente.

De passagem para o Congo Belga estiveram presentes, assistindo a todos os actos da peregrinação alguns sacerdotes missionários daquela nacionalidade que tinham chegado na véspera, hospedando-se na Casa de Retiros do Santuário.

No fim do Santo Sacrifício da Missa, exposto o Santíssimo Sacramento proferiu as invocações do costume o rev. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, Reitor do Seminário Episcopal e Vigário Geral de Leiria, que também repetiu a fórmula da consagração ao Imaculado Coração de Maria.

Dada pelo celebrante a bênção eucarística individualmente a cada um dos 35 doentes inscritos, deu-a também, depois de cantado o *Tantum Ergo* e entoada a respectiva oração, à multidão dos fiéis.

Por fim realizou-se o cortejo que reconduziu à capela das aparições a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, cujo andor era levado aos ombros dos Servitas, enquanto se ia cantando o «Adeus».

Os actos religiosos oficiais do dia terminaram no momento em que no relógio da Basílica do Santuário soavam as badaladas das duas horas da tarde, logo seguidas no respectivo carrilhão do toque do «Ave», cuja música cantada pelos peregrinos à volta os ecos da Serra repercutiam, ao longe e ao largo, pelos montes e pelos vales, numa harmonia suavíssima, recordando as graças e as glórias da Aquela que o Anjo proclamou bendita entre todas as mulheres — a Virgem Santíssima e Imaculada.

Visconde de Montelo



FATIMA — Uma das quatro estátuas de mármore de cerca de 4 metros que irão adorar os ângulos da Torre

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

# PASTORAL COLECTIVA

(Continuação da 1.ª página)

hino de acção de graças e respirava-se uma atmosfera de paz, à sombra do santuário que na serra d'Aire comemorava o aparecimento da Virgem.

Veio até nós, na vibração das ondas hertzianas, a palavra quente e paternal do Sumo Pontífice, acalentadora de esperanças e pregoeira de paz, palavra que o mundo não quis ouvir, mas que calou fundo na alma portuguesa que, encantada e comovida, a ouvia na sua própria língua. Era precisamente a hora das grandes apreensões, em que de todos os lados parecia surgir a ameaça e em que estava à prova a promessa da nossa Padroeira. O Sumo Pontífice recordava-nos precisamente quanto devíamos à Mãe celeste, a protecção desvelada e amorosa que Ela sempre nos dispensara, incitava-nos à confiança e ao abandono filial nas suas mãos.

Quatro anos volvidos sobre a mensagem do Vigário de Cristo, quando reunidos em aparatosa assembléa os governantes dos povos mais poderosos do mundo e muitos outros de povos menos poderosos, constituindo no conjunto a quase totalidade dos povos da terra, buscam ansiosamente o rumo da paz, que se afigura um problema quase insolúvel, nós temos a dita de recordar tranqüila e reconhecida-

mente a palavra do Pontífice, que tem hoje a mesma actualidade que tinha então, e não perguntamos a ninguém o segredo da paz, porque, mercê de Deus, ela não é para nós um problema nem uma incógnita, mas uma realidade viva e consoladora. Se nos for dado, quereíamos ir até ao seio dessa assembléa, tão cheia de boa vontade e tão torturada de incertezas, revelar esse segredo que para nós é verdade elemental e comezinha. O milénio que passa é como um clangor de trombeta a apregoar a Portugal e ao mundo o segredo dessa grande conquista — 1946 recordando 1646, três séculos atrás, quando também a Pátria portuguesa sentia tremer a terra debaixo dos pés, via longe o iris da paz e irremediavelmente comprometida a sua independência. A força humana era impotente? Minguados os recursos nacionais? Incertos os auxílios estrangeiros? Poderoso e fortemente armado o adversário? Não importa: vai-se buscar ao céu o que a terra não pode dar, restitui-se à Mãe de Deus o seu cetro de Rainha de Portugal, entrega-se nas suas mãos, por uma doação sincera o leme da nau do Estado, violentamente açoitada pela tempestade, confiam-se-lhe os destinos do povo, e caminha-se para a frente com inabalável confiança na vitória final; e, como já dissemos, a paz veio coarçar esta confiança.

## Remédio D. D. D.

Líquido fino e cor dourada que se infiltra através dos poros, operando em cada dia curas maravilhosas. Faz cessar a terrível comichão. Não cheira e deixa a pele limpa e sã. Inigualável para os casos de:



ECZEMA, DORES HEMORROIDAIS, CHAGAS, BORBULHAS, ACNES, FRIEIRAS, SARNAS, ESCALDADELAS, QUEIMADURAS, ETC.  
FRASCO 15\$00

**CALÇAR BOAS MEIAS E POUPAR DINHEIRO!!**  
SÓ APROVEITANDO OS SALDOS DO IMPÉRIO DAS MEIAS

A. ALMIRANTE REIS N.º 173-B — LISBOA  
Meias seda gase c/pequenos defeitos ... 9\$50 e 6\$50  
Meias seda gase finíssima saldo ... 14\$50 e 11\$50  
Meias seda tipo vidro 23\$50 e 19\$80  
Meias linho fino, durável 15\$00 e 12\$50  
Peúgas fantasia fortes 4\$80 e 3\$90  
Peúgas escócia e seda bonitas ... 10\$00 e 8\$50  
Meias seda natural tipo americano ... 35\$00  
O maior sortido em Meias e Peúgas em algodão, escócia e seda.  
Provincia e lhas, fornecemos preços, e enviamos tudo a contra-reembolso.

O sr. Padre Allyrio de Mello, ilustre professor do Seminário de Aveiro, teve a gentileza de nos oferecer o seu livro — Eça de Queirós, o exilado da realidade, cuja publicação, na hora que passa, além de tudo o mais, revela coragem moral. Posição diversa, na festa centenária, é que teria abertamente de seu lado, em quase todo o sector da imprensa, o aplauso, o louvor, o reclamo. Ser ou não ser inteiramente da festa, eis a questão...

Não me parece bem que mãos de tipo conservador, afeitas a amparar também a tradição, com tudo o que nela há de vivo, nobre e sagrado, encaminhem certas coisas num sentido discordante, para repasto e gáudio de todos aqueles que, do outro lado da barricada, esperam ansiosamente a sua hora. Se alguém já disse isto, deve confessar-se que esse alguém não anda inteiramente de mal com a verdade.

Ninguém pode servir a dois senhores, que continuam a falar, a dizer abertamente quem são. Amar um ostensivamente o mesmo é que sabotar, por uma forma nada edificante, o amor do outro...

Ouvi dizer a alguém que o livro do sr. Padre Allyrio de Mello, que sabe pensar e escrever, era de proveniência suspeita, porque os homens da Igreja, neste país, não perdoam a Eça de Queirós o seu primeiro romance, o Crime do Padre Amaro, em que os processos realistas actuaram ao sabor de uma imaginação ultra-romântica. Ora a queixa, por mais diluída que seja em brilhantes arrastados, afinal é sempre queixa.

A ser realmente assim, a ninguém, neste país, seria dado fazer sobre Eça de Queirós um estudo crítico que se pudesse dizer imparcial. A ninguém! porque na obra do romancista, que está a ser centenarizado, o governante, o país e da Igreja. Depois de tantos titular, o político, o poeta,

## PALAVRAS MANSAS

# Leitura Sã

ta, o jornalista, o burocrata, para Eça de Queirós, cometeram também um crime ou de depravação ou de imbecilidade ou de ridículo. Senão é ver como ao Crime do Padre Amaro se segue logo o crime do conselheiro Acácio...

Li Eça de Queirós em Coimbra, onde perdurava ainda aquela admiração deslumbrada, quase mística com que Alberto de Oliveira uma noite, na Estação Velha, o viu passar, alto, fino e pálido, silencioso, num combóio que rodava a caminho de Lisboa. — Ali vai o Eça! olha o Eça! o Eça! Reli-o pensamente nas tendências e nas atitudes da minha geração coimbrã, que procurava sobretudo neles sensações e ironias.

Naturalmente ressentia-se disso, mais ou menos, a alma que ela tinha, alma amolecida, sem asas, que amava a boémia ridente e via no futuro apenas o emprego público.

Há tantos anos! As filosofias tinham-se ido com Antero do Quental e os seus mais fervorosos discípulos para a dúvida, para a negação, para o pessimismo, para a morte. Já ninguém pensava em fundar religiões.

As vitórias de África foram para muitos uma surpresa estranhamente reveladora. Então era certo que ao longe, gente da nossa terra, gente moça amava a pátria e morria heróicamente por ela!... Havia realmente na vida uma seriedade orientadora e construtiva, que muitos desconheciam.

A fundação do C. A. D. C., em Coimbra, por esse tempo, foi uma reacção da fé e das virtudes antigas a favor da Universidade, do país e da Igreja. Depois de tantos erros, de tantas fantasias, de tan-

tas inquietações, de tantas irreverências e de tantas levandades, apareceram flores na nossa terra, como diz um texto da Bíblia.

Eça de Queirós foi realmente um dos grandes escritores da nossa terra. Tornou a língua mais clara, mais maleável, mais florida, mais expressiva, mais harmoniosa e mais doce. Deu-lhe graça, leveza e plasticidade.

Lá de longe, das terras que foi correndo, em conjunto, não viu melhor a pátria; mas deve reconhecer-se que andou sempre com ele a nossa língua, como estímulo, conforto e saudade.

No fundo da sua prosa está o veio clássico. Pouco importa que Eça de Queirós se ria dele. Lá está. As crianças também se riem sobre o regaço das mães...

A admiração pelo grande escritor é sempre comedida naqueles que conhecem humoristas de renome, desde Henri Heine a Guilherme de Azevedo e andam familiarizados com a leitura de Renan, Michelet, Anatole France, Taine, Balzac e Flaubert.

O sr. Padre Allyrio de Mello não é um escritor que promete, é um escritor que mais uma vez se afirma com brilho e galhardia. A ordem e a sequência luminosa do seu pensamento reflecte-se no seu estilo nítido, vigoroso e preciso.

A demonstração da sua tese é feita com uma inteligência lúcida, com uma lógica viva, com uma cultura invulgar e com um conhecimento minucioso e profundo da obra do Exilado. Não terá agrado a todos. Agradar geralmente é outra coisa... Mas todos devem reconhecer que o sr. Padre Allyrio não tem culpa em que Eça fale ainda e diga tudo o que diz...

O autor das Prosas Bárbaras não criou como desejava criar, nem escreveu como desejava escrever. Grande artista insatisfeito... Para mais, sentia profundamente a nostalgia da terra do seu berço e dos seus melhores amigos.

Vejo, por isso, sempre, alguma coisa dele na atitude e na expressão do Desterrado, auto-retrato da alma de Soares dos Reis.

Correia Pinto

## Tiragem da "Voz da Fátima" NO MÊS DE FEVEREIRO

Algarve	7.086
Angra	16.472
Aveiro	6.455
Beja	4.739
Bragança	45.981
Coimbra	7.153
Evora	9.717
Funchal	3.979
Guarda	9.881
Lamego	10.199
Leiria	7.560
Lisboa	10.135
Portalegre	13.080
Pôrto	9.330
Vila Real	37.745
Viseu	15.582
Estrangeiro	5.306
Diversos	220.400
	3.547
	9.573
	233.520

## Movimento no Santuário

Fevereiro, 15 — De bordo do Niassa que regressa com os soldados expedicionários de Timor recebeu-se um telegrama pedindo orações e recomendando-se às intenções dos peregrinos. Entre as pessoas que assistiram aos actos religiosos deste dia contava-se o professor da Academia de Relações Internacionais de Madrid, D. Garcia Rojo, que veio a Lisboa fazer umas conferências sobre direito internacional, e a Senhora Marquesa de Mortemart, de Paris.

— Principiou à noitinha o retiro mensal para o clero da diocese de Leiria. Fêz as conferências o Sr. Cônego Dr. Galamba de Oliveira. Assistiu o Senhor Bispo de Leiria.

17 — 8 sacerdotes da Congregação do Imaculado Coração de Maria, belgas, de regresso às missões de Congo Belga estiveram no Santuário a rezar a Nossa Senhora.

## Voz da Fátima

### DESPESAS

Transporte	3.193.777\$92
Papel, imp. do n.º 281	20.295\$10
Franq. Emb. Transporte do n.º 281	4.303\$46
Na Administração	396\$00
Total	3.218.745\$48

### Esmolas desde 20\$00

Augusto R. Seabra, Sá-Sangalho. 30\$00; Jacob Madradinha, Coimbra, 20\$00; D. Fernanda de Melo Lopes, Pôrto, 50\$00; D. Maria Elza de S. Cabral, Abreiro, 20\$00; D. Rosa Mendes C., Coimbra, 20\$00; D. Salvadora Iglesias, Lisboa, 20\$00; D. Francisca Lopes Guimarães, 20\$00; P.º Virgínio Lopes Tavares, Vila do Pôrto, 25\$00.

Capelão de Santa Luzia, Viana do Castelo 1.500\$00; D. Angelina Cabral Rosa, Leiria 20\$00; P.º Lino Torres, Lisboa, 20\$00; D. Maria Martins, Torres Vedras 150\$00; D. Wanda Fernandes da Silva, Braga 20\$00; D. Laura Carolina Lages, Lisboa 20\$; D. M.ª José V. do Carmo, Ourique 20\$00; Vítor de Sousa Cordeiro, Açores 50\$00; Gil José de Sousa, Açores 50\$00; D. M.ª Magalhães Eimintel, Travanca 20\$00; D. Helena Magalhães Ribeiro, Santiago 20\$00; D. Elisa P. de Sousa Gomes, Braga 20\$; Alfredo Cabral Amaral, Coimbra 20\$; D. Octávia Maria Garcia, Coimbra 20\$00; D. M.ª Francisca de Sousa Pires, Solis 20\$00; Dr. Luis Badaque Guimarães, Pôrto 50\$00; D. M.ª da Graça Torres, M. de Cavaleiros 25\$; José de Viveiros, Ponta Delgada 100\$; D. Maximina Lopes, Torres Vedras 20\$00; João Seguro Pinto, Fundão 20\$00; Henrique Alves Mendes, 20\$; Viscondessa de S. Gão, Lisboa 20\$; Francisco Zamith, Caldas da Saúde, 20\$00; Renato Garcia, Obidos 35\$00; D. Ana da Costa, Pôrto 20\$00; José Ant. Carriço, Aveleda 30\$00; José Laurentino Morgado, 20\$00; Condessa de Margaride, Guimarães 20\$00; D. Amélia da Luz Gomes, Mafra 60\$; Casa de Saúde, Angra 40\$00; D. Irene Santos, Vila do Conde 50\$00; D. M.ª Rosa da Silva Serra, Lisboa 20\$; D. M.ª de Lourdes Pelejo, Lisboa 20\$00; D. Clemência P. Santos Tavares, Lisboa 10\$00; D. Helena Diogo, Caldas da Rainha 20\$00; D. Carmina Calisto, Ilhavo 20\$00; D. M.ª de Lourdes Matias, Horta 30\$00; José da F. Castel Branco, P. de R. de Moinhos 40\$00; D. Rosa Simões de Sousa, Barcelos 50\$00; D. M.ª Augusta de Oliveira, Soure 40\$00; António de Sousa Borges, Carregal do Sal 20\$00; P.º Abilio Mendes, Barreiro 150\$00; D. Maria José de Jesus Pereira, Setúbal 20\$00; D. Francisca Marques, Benavente 20\$00; D. M.ª S. Barriga, P. da Foz 20\$00; Manuel Chaves Pereira, Açores 20\$00; D. Ema Gomes de Escobar, Açores 140\$; P.º Manuel M. Proença, S. do Extremo 20\$; D. Carlos, Bispo de Pitane, Cuijães 20\$00; D. Aida Rigueirao, Vouzela, 20\$00; D. Isabel Amaral, Bettencourt, Biscóitos 20\$00; D. Conceição da Silva Povoas Moura, S. R. da Lameira, 20\$00; D. Beatriz de Assunção Cardoso, Ilhavo 20\$00; Duarte José de Oliveira e Carmo, Alenquer 20\$00; D. Amélia Santos Fonseca, Al. Gavinha 20\$00.

## Vida Religiosa no Santuário

### 1.º Sábado

Como de costume realizou-se no 1.º Sábado de Fevereiro a adoração e desagravo nacional ao SS.º Sacramento e devoção em honra do Imaculado Coração de Maria. A capela esteve cheia toda a noite. Entre os assistentes estavam muitos homens.

Continua todos os Primeiros Sábados. Começa às 5 da tarde do Sábado e termina no Domingo à mesma hora.

### Retiro dos Servitas e Vicentinos

De 2 a 6 de Março realiza-se no Santuário o retiro anual para Servitas e Vicentinos. Aceita-se a inscrição de outros homens. Tratar com o Rev.º Reitor do Santuário de Fátima.

### Professores Primários

Ao mesmo tempo realiza-se o 1.º turno de exercícios promovido pela L. E. C. de Leiria para os seus filiados e outros professores. Para inscrição escrever ao Sr. Prof. de ser tarde.

António Luís Fernandes — Gráfica — Leiria.

### Para Diplomados com Curso Superior

De 13 a 17 de Abril (Semana Santa) realiza-se no mesmo Santuário o costumado retiro anual para Médicos, Jurisconsultos, Engenheiros e outros diplomados com cursos superiores.

Para informações escrever ao Sr. Dr. Carlos Zeferino Pinto Coelho, Rua Augusta, 176-1.º, Esq.º Lisboa.

### Curso de Cultura Superior Religiosa

De 17 de Abril de manhã até à manhã de 20 realiza-se o 2.º ciclo do Curso de Cultura Superior Religiosa. É uma óptima oportunidade para o frequentarem oferecida aos homens de boa vontade.

Para informações escrever já ao Sr. Presidente Nacional da Liga Católica — Campo dos Mártires da Pátria, 43 — Lisboa.

Não demorem porque depois po-

## Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor JOAO DA SILVA

# folhas mortas

## Graças de N.ª Senhora da Fátima

### AVISO IMPORTANTE

**Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.**

**De contrário não serão publicados.**

### NO CONTINENTE

**João Afonso Rouxinol, Ninho do Açor,** sofria horrivelmente com um tumor interno. Do hospital de Castelo Branco, onde esteve internado um mês, foi despedido dos médicos que o julgaram incurável. Entretanto, para o iludirem aconselharam-lhe a tomar banhos de sol todos os dias e durante um quarto de hora. Tentou experimentar, mas tais dores sentiu que ao fim de dois minutos teve de desistir.

Sugeriu-lhe então um amigo que recorresse a Nossa Senhora da Fátima. Assim o fez, cheio de fé, prometendo dar uma esmolinha, caso obtivesse a cura. Efectivamente, duma maneira inexplicável, cessaram as dores e a origem delas. O tumor desaparecera, como foi averiguado pelo mesmo médico que anteriormente o tinha examinado. Cheio de reconhecimento, vem dar publicidade ao sucedido para maior glória de Nossa Senhora e para excitar a confiança dos que a Ela recorrem.

**D. Maximina Esperança Lopes, Cabeça Gorda,** diz: «Em Agosto de 1942, minha mãe adoeceu gravemente com o tifo. Chegou a estar sem fala uma noite, sendo todos de opinião que estava viva por poucas horas. Cheia de aflição e de fé recorri a Nossa Senhora da Fátima, dando à doente água da Cova da Iria e fazendo várias promessas. Efectivamente minha mãe melhorou dentro em pouco, melhoras que se foram acentuando até ficar inteiramente bem».

**Daniel de Vasconcelos Correia, Fafe,** diz: «Encontrando-se uma filha minha, e depois minha mulher, gravemente enfermas, recorri a Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe a graça de alcançar de Deus a sua cura o que de facto sucedeu pouco tempo depois. Atribuindo estas graças e mais uma particular em meu benefício pessoal, à intercessão de Nossa Senhora da Fátima, venho publicamente, como prometi, agradecer estas graças».

### Sob os ramos da azinheira

## Também sinal do nosso tempo

A elevação de 32 Prelados à dignidade de Cardeais recentemente feita pelo Santo Padre Pio XII foi, em si e nas suas consequências, o maior acontecimento eclesiástico deste século XX.

O Consistório, reunião dos Cardeais sob a presidência do Papa, realizado em Fevereiro, teve uma importância como ainda não se tinha visto em Roma em circunstâncias semelhantes. A presença dos representantes de muitas nações de todas as partes do mundo, dos mais ilustres membros da nobreza romana, e de muitas outras personalidades idas de longe, também contribuiu para o esplendor daquela notabilíssima assembleia.

No cerimonial do primeiro Consistório secreto, há um passo que não devemos deixar no silêncio. O Sumo Pontífice, depois de pronunciar uma allocução, indica os nomes dos Cardeais nomeados e pergunta: que vos parece? Ao que os Cardeais respondem inclinando-se respeitosamente como quem dissesse: parece-nos muito bem, Santíssimo Padre.

Não só aos Eminentíssimos Príncipes da Igreja, mas a todos os homens

**D. Clemência Silva Pepe, Algés,** diz: «Encontrando-me bastante mal com uma infecção no peito, tendo sido operada por duas vezes e em perigo de o ser terceira vez, eu, cheia de aflição, recorri com toda a fé a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe para não me ter de sujeitar de novo à intervenção cirúrgica. A minha prece foi atendida. Desde então não só não fui operada, como anunciava o médico, mas as melhoras acentuaram-se rapidamente».

**António Ribeiro de Matos, Agueda** escreve: «Sofria eu, há muito tempo de uma doença intestinal, de certa gravidade, que os médicos declararam incurável. Fui submetido a vários e longos tratamentos que nada me aliviaram. Foi então que me voltei para Nossa Senhora da Fátima, prometendo publicar a graça da minha cura se Nossa Senhora m'a alcançasse».

Há mais de um ano que fui ouvido, sentindo-me curado, graças à intervenção da Mãe do Céu».

**D. Maria José de Abrantes Madeira, Carregal,** tendo o seu neto António Miranda, doente havia mais de um ano, com uma neurastenia, depois de consultar alguns médicos e sem ver o mal desaparecer, voltou-se para Nossa Senhora da Fátima e diz ter obtido a graça pedida de que não era merecedora. Vem publicamente manifestar o seu reconhecimento à SS.ª Virgem.

**D. Amélia Rijo, Torres-Vedras,** vem cumprir a promessa de agradecer publicamente a Nossa Senhora a graça da cura de sua sobrinha Amélia que tinha um fleimão e obteve rápidas melhoras com os pensos de água da Fátima, evitando por isso a grave operação a que teria de sujeitar-se.

**D. Maria Deolinda Elvas Ferreira Mascarenhas, Nogueira do Cravo,** diz que tendo adoecido uma sua sobrinha de 7 anos, chamada Maria Filomena, com uma angina diftérica, e tão gravemente que no dizer do próprio médico só um milagre a salvaria, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, com tal devoção e fé que a sua prece foi atendida. A própria doentinha lhe pediu água da Fátima.

**Manuel Pereira Paulino, Perras Ruivas,** em 1934 foi operado no Hospital de Coimbra. Tratava-se de uma ulcera. De nada lhe serviu, diz, a operação, pois ao fim de um mês tornou a sentir a mesma dor. Sem esperança já na medicina da terra, sua mulher Adelaide de Jesus, pediu à Senhora da Fátima que curasse o seu marido. A dor desapareceu, não

mais lhe voltou e diz-se completamente curado. Vem, como prometeu tornar público o seu reconhecimento a Nossa Senhora.

**António Luís Meireles, Levor. Gaia,** foi acometido de uma doença grave que lhe imobilizava o braço direito e o fazia sofrer ininterruptamente e de que está curado há mais de um ano. Atribua a cura a Nossa Senhora da Fátima a cuja protecção fervorosamente recorreu.

**D. Marina dos Santos, Sant'Iago da Guarda,** sofria de dores horríveis de ouvidos, quase chegou a perder os sentidos. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo rezar o Terço durante um mês e publicar a graça. Ao fim de 24 horas encontrou-se completamente curada.

### NOS AÇORES

**D. Jerónima do Livramento Sousa, Ribeiras,** escreve: «No dia 8 de dezembro de 1934 minha filha, ao lavar, espetou uma agulha na mão direita e não foi possível tirá-la. Fomos ao médico que depois de lhe ligar o pulso mandou-a examinar ao raio X. Localizada a agulha, o médico procurou fazer-lhe uma anestesia local mas não o conseguiu. Anestesiou a fazer a operação sofrendo minha filha horrivelmente. Por mais que o médico procurasse, não encontrava a agulha. Minha filha já não aguentava mais e por isso não queria consentir na continuação da pesquisa. Foi cloroformizada no Hospital. Não me deixaram entrar na sala de operações; fiquei à porta e cheia de fé recorri a Nossa Senhora da Fátima, prometendo rezar-lhe o terço e publicar a graça. A operação correu bem e minha filha ficou bem sem defeito na mão».

**Marcos José Bettencourt, Calheta, Biscoitos,** envia o seguinte atestado clínico:

«José Maria de Noronha Júnior, licenciado em medicina e cirurgia pela Universidade de Lisboa, atesto sobre compromisso de honra, que o senhor Marcos José Bettencourt, casado, de sessenta e oito anos de idade, funcionário da Junta Geral do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo, residente no lugar de Biscoitos, freguesia de Santa Catarina, Calheta, concelho de Calheta de S. Jorge (Açores) teve em Março próximo passado, uma broncopneumonia de carácter grave, situação esta que motivou em dado momento considerar o seu estado desesperado, embora os recursos médicos houvessem sido todos mobilizados com a maior diligência. E por ser verdade e para os fins convenientes passo o presente que vou datar e assinar. Calheta de S. Jorge, em 3 de Dezembro de 1945 (e cinco), José Maria de Noronha Júnior».

O homem atribua a cura a Nossa Senhora da Fátima a quem se encomendou e vem agradecer-lhe.

### Agradecem outras graças

- D. Francisca Mercedes Ferreira, Funchal
- D. Maria Isabel de Moraes, Mercena
- D. Maria Rodrigues, Funchal
- D. Aida Caldeira, Quelimane, Moçambique.
- D. Maria Evangelina Pintado, Freixo-de-Espada à Cinta
- D. Fernanda Canavarro de Yaladares, Ribeira da Pena
- D. Maria do Patrocinio Macatano, Poiares
- D. Maria Faria de Barcelos, Porto
- D. Noémia da C. Coelho Ferreira, Rio de Moínhos.
- D. Maria da Piedada Franca, Lagos
- Manuel Gomes, Póvoa de Lanhoso
- Severino de Albuquerque Lucena, Bolama (Brasil)
- D. Eilomena Goularth de Andrade Dias Leitão, Faial
- D. Ema Gomes de Ecobar, Ribeirinha do Faial
- D. Albertina Girão, Viseu
- D. Irene Santos, Tougues, Vila do Conde
- D. Maria Francisca de Vasconcelos, Ponta Delgada
- Adelino da Silva, Vilela, Amares
- D. M. Inyrea, Génova, Itália
- D. Maria Isabel Cardoso Ribeiro
- D. Maria Pilar Mari, Uesca Espanha

— Olhe lá o vento não a leve... Entre dois pregões, pulando para a direita e a esquerda a oferecer os jornais, o ardina visara trocista uma rapariga apoiada ao grosso tronco de um plátano já quase totalmente despojado da folhagem que revoltava loucamente em torno dela.

O vento era na verdade violentíssimo e no parque a dois passos daquele fim de avenida o arvoredo entrechocava-se e gemia pungente.

Margarida, acariciando com a mão enluvada — talvez inconsciente — a casca lisa da árvore, olhava na sua frente e pensava:

— Tenho vinte e cinco anos e sou como estas folhas mortas. Sem vontade, sem força, sem amparo, sem ideal, a minha vida tem sido ao embate de todos os ventos. Tenho vinte e cinco anos e estou velha... Quereria ter sessenta... Só então terei paz... Só então deixarei de ouvir esta voz — decerto — da consciência — que me diz: «Es nova, tens saúde, inteligência, alguma instrução — não há direito de viveres assim».

Combinara com umas amigas encontrarem-se ali, na última paragem do eléctrico daquela avenida. Que iriam fazer de toda a sua tarde e quem sabe até que horas da noite?

Um arripio de tédio, de repugnância mesmo por tanta passagem — agora dolorosa — da sua vida, percorreu-a toda. Fugir... fugir dali... fugir mesmo de Lisboa... Não tinha família; possuía um pequeno rendimento que nunca lhe bastava e a levava a aceitar dádivas e presentes de que começava a envergonhar-se. Sim, fugir. Mas ela era bem como aquelas folhas mortas e deixava-se ficar até que a sopsassem fosse para onde fosse...

Uma rajada mais forte fê-la agarrar com ambas as mãos ao plátano, o «cache-col» cobriu-lhe o rosto que encostou ao tronco enquanto, dentre as raras pessoas que por ali transitavam se ouviram exclamações e mesmo alguns gritos. Era um ciclone que passava.

Quando Margarida pôde olhar em redor de si, viu, perto do plátano mais próximo, um carrinho de criança e uma senhora junto dele, pálida e cambaleante. Correu para lá e perguntou condoida:

— Sente-se mal?... Quer que a ajude?

— Sim — foi a débil resposta — obrigada...

O bebé, bem acónchegado, não dera por nada; dormia plácidamente. Margarida tomou o carrinho à sua conta, ofereceu o braço à senhora, informou-se da direcção a tomar e com uma satisfação que jamais experimentara pôs-se a caminhar, decidida a ir onde quer que fosse necessário o seu auxílio.

A folha morta sentia-se reviver e era um vento bom que a levava.

— Margarida... precisava falar-lhe... Vamos um bocadinho para o seu quarto, sim?

Margarida que nunca mais deixara a casa daquela senhora não teve voz para responder-lhe — tal o aperto que sentiu no coração — mas levantou-se imediatamente, largou a costura, deu ao bebé, que brincava com os irmãos mas que já lhe enviezava um olhar descontente, um papel para rasgar e seguiu D. Maria Cândida. Ela bem sabia que a paz, que gozava havia já dois meses naquele lar, estava ameaçada. D. Maria Cândida deveria ter tomado informações a seu respeito e essas informações não podiam ser as que uma mãe daquelas desejasse para a perceptora dos seus filhos. De mais o marido estava ausente, em África e D. Maria Cândida sentia bem, como poucas mães destes tempos a sua responsabilidade.

Mas o tempo ia passando e como a senhora se mostrava sempre igual — afectuosa e reconhecida — a jovem animava-se e esforçava-se para esquecer o passado e aproveitar bem do presente refazendo a sua vida e enchendo-a de trabalhos e de recreios

que ela nunca supusera proporcionarem tão boa disposição, tanta alegria.

No dia anterior, porém, dera-se um facto que a enchera de receio. Era um dia de anos e, entre os parentes que apareceram de visita, viera um primo, alferes de cavalaria, que, cadete, ainda, mostrara por ela uma grande afeição a ponto de terem tratado casamento.

Mas os ventos funestos sopraram e ela deixara-se ir no turbilhão, estragando a sua felicidade...

Sem dúvida o rapaz tinha falado...

Agora, no pequeno quarto onde passara naqueles dois meses tantos momentos deliciosos de calma, em frente de D. Maria Cândida, Margarida não ousava levantar os olhos.

— Minha filha — disse carinhosamente a boa senhora — sabe bem quando lhe estou reconhecida pelos serviços que me tem prestado desde que entrou nesta casa, mas...

Não pôde continuar: Margarida, impetuosamente, lançou-se-lhe aos pés e, agarrando-lhe as mãos, suplicou debulhada em lágrimas:

— Não me mande embora... não me mande embora... Eoi a minha salvação... Não queira agora ser... a minha perdição!

D. Maria Cândida ergueu-a, abraçou-a e fê-la sentar junto de si. Então começou um diálogo íntimo como se se tratasse de mãe e filha. Margarida sentia necessidade imperiosa de aliviar o seu pobre coração num coração que lhe merecia tanta confiança, tanto respeito. D. Maria Cândida lembrava-se de que tinha filhas a quem poderia deixar na procêla do mundo como a mãe de Margarida a tinha deixado.

Mas impossível lhe seria conservar aquela rapariga junto de si, junto de seus filhos, numa cidade onde era bastante conhecida, onde se poderia dar outro encontro como o da véspera com seu primo.

Como em resposta à pergunta angustiada que a excelente senhora dirigia mentalmente ao Céu «Que fazer desta pobre rapariga?» tocavam à porta e a filhita mais velha pois que não tinham criada — trazia-lhe um telegrama. Era do marido que comunicava:

«Bem. Tudo arranjado vantajosamente. Embarquem primeiro paquete».

Numa explosão de júbilo D. Maria Cândida, enquanto chamava pelos outros filhos, estendia o telegrama a Margarida e perguntava-lhe:

— Quer ir conosco, pois quer? Ali, sim, ali refazerá inteiramente a sua vida. Será para mim mais uma filha — a minha filha mais velha.

E abraçaram-se ternamente.

Margarida é hoje a esposa virtuosíssima do capitão colonial X... que, passara à África depois de copiosa correspondência com sua prima D. Maria Cândida e encontrara na jovem perceptora o ideal acariciado nos seus já longínquos tempos de cadete. M. de F.

### O CULTO DE NOSSA SENHORA DE FATIMA EM ITALIA

Em toda a Itália não se esqueceram os bons católicos de também recorrer à Santíssima Virgem da Fátima nos momentos dolorosos da guerra. E de Pádua que um pai, D. Giuseppe Passalacqua, escreveu ao Rev.º Reitor do Colégio Português, em Roma, pedindo-lhe para tornar público na «Voz da Fátima» o seu voto e agradecimento por ele e todos os seus terem escapado ao bombardeamento e sobretudo pela volta com boa saúde de dois dos seus filhos, oficiais, um que teve um longo e doloroso cativeiro na Alemanha, o outro que andou a combater em várias frentes.

### EUMAREIRA

DIVERSIDADE DE ARTIGOS

R, Augusto Machado, 11—LISBOA

P. SANTOS ROCHA

CONVERSANDO

AS CONDIÇÕES DE ELEVAÇÃO DO ESPÍRITO

Continuam de pé, e na mais viva acuidade, as duas grandes questões que impendem sobre a vida da humanidade. A 1.ª é a questão das condições de elevação do espírito através das vicissitudes do tempo; a 2.ª é a da obtenção do pão quotidiano em medida que, ao menos, liberte da miséria e ponha a existência decentemente durável.

Ninguém é livre de desinteressar-se destas duas questões; a melhor solução de qualquer delas conjuga-se naturalmente com a da outra; são ambas consubstanciais da personalidade humana e, por isso mesmo, basilares da ordem e da paz para que queremos caminhar.

Já neste lugar abordámos algumas considerações sobre a 2.ª questão. Reportando-nos, por agora, apenas à 1.ª, forçoso nos é reconhecer que muitas das condições de elevação do espírito se encontram hoje largamente alteradas pelos inventos e progressos industriais que vieram expor a novas provas o poder moral do homem.

E deste modo se verifica especialmente quanto à vida da família que, tendo sido sempre um forte baluarte de amparo e defesa da elevação do espírito, se vê em nossos dias lamentavelmente em declínio.

É claro que, para o cumprimento dos deveres, há sempre tendências de ordem interna a vergar-nos; mas, no caso sujeito, quero apenas referir-me à pressão externa da indústria na magnitude das suas extraordinárias realizações pelo vapor, electricidade, gás, rádio e energia atómica, até ao vasto domínio do ar, mar e terra, em todas as suas dimensões.

As formas de actividade que, ainda não há muito, eram predominantemente de carácter doméstico, como a panificação, a tecelagem e a fição, são hoje exercidas por múltiplas empresas no encaço de lucros. Por empresas se alimenta já uma grande parte, senão a maior parte da população, em hotéis, restaurantes e cosinhas económicas; se promovem distrações e recreios em teatros, cinemas, estádios e excursões; se faz o tratamento e a enfermagem de doentes em balneários, casas de saúde e de repouso; se asseguram compensações para os riscos da existência em estabelecimentos de crédito adequados; e do mesmo modo se cuida da infância e da juventude em creches, jardins-escolas e colégios.

Por toda a parte surgem e prosperam, em livre concorrência, empresas para satisfazer as mais variadas necessidades e gostos, a qualquer hora, em qualquer dia e por qualquer preço.

É este um aspecto a fixar para se ver bem como a família é atingida dum mal profundo.

A mulher, geralmente, já não se confina dentro do lar, onde era rainha incontestada, e já aí pouco tem que fazer. Vai, como o homem, para as escolas, para o comércio ou para a indústria. Pais e filhos passam a maior parte do tempo fora das vistas uns dos outros, dispersos em trabalhos pelas fábricas, colégios e oficinas, ou em divertimentos pelas ruas, excursões e clubes.

A isto chegámos não tanto por

defeito de disposições interiores como pela imperiosa necessidade de viver provocada pelo abandono em que a civilização industrial deixou a família.

Certo é que o indivíduo também não melhorou; um tipo novo, moralmente menos solidário e mais indiferente, parece emergir deste substracto social.

Por seu turno, a ciência que é, depois da Graça e da Fé, um dos melhores instrumentos de elevação do espírito, afastou-se pouco a pouco, pelo desvanecimento de êxitos parciais e pela ilusão de abarcar o infinito, do âmbito de acção que lhe compete: tudo fazer convergir para o bem comum da humanidade tendo sempre em vista a nossa natureza moral.

Notável foi já nesta conformidade de doutrina o depoimento insuspeito de um dos mais célebres cientistas do nosso tempo, o Dr. Alexis Carrel, no livro *O homem, esse desconhecido*, de universal repercussão.

Mas mais notável e quase esmagadora foi para o mundo a surpresa da bomba atómica sobre o Japão, levando a imaginar a possibilidade de um aniquilamento sem limites por iniciativa de poucos.

Relevantemente simbólica é também, a este respeito, a chamada *Torre de Babel*. Homens vindos do Oriente, empreenderam, para escalar o Céu e tornar célebres os seus nomes, construir essa torre que chegou, com efeito a atingir uma grande altura; mas de tudo ficou apenas a lembrança da confusão e dispersão dos povos interessados, como castigo de Deus ao orgulho humano.

A ciência, porque humana, só é verdadeiramente ciência quando, avançando, tem bem presente que a natureza moral é tudo no homem e que o seu poder de descobrir nunca pode ser igual ou contraditório ao de Deus que é infinito.

A Liga das Nações Unidas acaba de constituir uma Comissão Internacional com o encargo de vigiar os trabalhos da ciência em todo o mundo para que só visem ao bem comum dos povos.

Com esta orientação, que é de reforçar e continuar, podemos justamente esperar alguma coisa de novo a fim de que os progressos industriais se adaptem e sirvam à defesa das condições de elevação do espírito, afirmando, através de tudo, o devido respeito pela personalidade humana — a obra divina que anjos invejaram, fulgurantes de luz, para logo caírem em trevas eternas.

A. Lino Netto

A DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA FATIMA na HUNGRIA

pelo R. P. Ladislau Endrödy, S. I.

Logo nos alyores da sua nacionalidade, a Hungria, em circunstâncias bem trágicas, foi consagrada à Santíssima Virgem por S. Estêvão primeiro Rei daquela nação. Daqui a denominação, que ainda hoje conserva, da *terra de Maria*. A Mãe de Deus é sua Patrona e *Magna Dominan*. Os numerosos santuários Marianos que a povoam e as inúmeras congregações de Nossa Senhora que nela florescem, dão testemunho bem claro da grande devoção que os húngaros tributam à Nossa Mãe do céu.

Graças a este ambiente mariano, a Hungria recebeu com entusiasmo a devoção a Nossa Senhora da Fátima que ultimamente se agenciou de uma maneira extraordinária. Foi a mensagem de alento e conforto com que a Divina Providência quis preparar aquele povo, para hoje poder suportar os inauditos sofrimentos em que o submergiu a ocupação soviética.

Seria difícil enumerar os livros, revistas, folhetos e jornais que nestes últimos anos levaram a todos os pontos da nação a história das aparições da Fátima e deram a conhecer a vida heroica dos três pastinhos. Os livros de meditações e comentários sobre a mensagem da Santíssima Virgem, sucederam-se quase ininterruptamente. Uma es-

tatística aproximada dá-nos mais de um milhão de impressos húngaros que falam da Fátima.

Entre os mais ardorosos propagandistas de Fátima encontram-se os Padres Salesianos, os Padres Jesuítas e um Professor de Teologia da Real Universidade de Budapeste. Os Padres Salesianos assinalaram-se mais na divulgação de publicações e os Padres Jesuítas na pregação ao povo insistindo sobretudo no espírito de sacrifício e reparação tão vivamente recomendado pela Santíssima Virgem.

O êxito desta campanha foi admirável. Por toda a parte se notou um aumento de penitência e reparação. Em muitas Igrejas, ao cair da noite, faziam-se *novenas reparadoras* com sermões sobre a mensagem da Fátima e sobre a vida de sacrifício dos pequeninos videntes, concluindo com a reza do terço e orações de desagravo. Depois destes actos organizavam-se ainda, frequentemente, *procições de penitência* em que, mais de uma vez, o pesado crucifixo foi levado pelo Bispo ou por alguma alta personalidade civil ou eclesiástica. E consolador notar que durante estas novenas, se registaram muitas conversões de pecadores, se reconciliaram inimigos separados pelo ódio e pela discórdia e se distribuíram grandes esmolas aos mais necessitados.

Nas escolas e colégios, multidões de crianças e jovens, seguindo o exemplo dos pastinhos da Fátima, esforçavam-se por aplacar a Deus com suas orações e pequenos sacrifícios. Quase todas as comunidades religiosas organizaram a *expição continua* com jejuns e preces especiais, distribuindo os dias entre os diversos membros que as compunham. Da parte dos seculares afluíram às casas religiosas muitos pedidos de instrumentos de penitência, como cilícios e disciplinas. Com frequência as mulheres tomavam a resolução de vestir mais modestamente e muitos homens deixaram de fumar para fazer penitência.

Numa cidade, um grupo de jovens operários, obtida a autorização do respectivo director, organizou *dias de penitência*, havendo em cada dia dois que, além de outras mortificações, jejuavam a pão e água. Numerosas famílias adoptaram a prática do terço quotidiano em comum.

Os maiores entusiastas deste movimento de expiação e penitência, determinaram edificar uma *capelinha de reparação* no alto de um monte vizinho a Budapeste. Eles mesmos se encarregaram de levar os tijolos ao lugar assinalado fazendo o *trajecto a pé*, cantando e rezando o terço. Nesta grandiosa procissão, no fim da qual pregou ardorosamente o Padre Gologi, incorporaram-se pessoas de todas as classes sociais desde o Arquiduque José Francisco até aos simples condutores e cobradores de eléctricos. Havia também uma numerosa representação do clero e das ordens religiosas.

Por estes poucos dados, podemos ver que a mensagem da Fátima, sobre a necessidade da penitência e oração, caiu na Hungria como boa semente em terreno fértil.

VISITA MINISTERIAL

O Santuário recebeu a visita de Suas Excelências os Srs. Ministro das Obras Públicas, Eng. Cancela de Abreu e Subsecretário da mesma pasta, Eng. José Frederico Ulrich. Acompanhavam os ilustres visitantes os Srs. Eng. Manuel de Sá e Melo, director Geral dos Serviços de Urbanização e Arquitecto Cotinelli Telmo. O Senhor Bispo de Leiria aguardava no Santuário a chegada destas personagens que vieram em visita de estudo do plano de urbanização da Cova da Iria. Vieram cumprimentar os Srs. Ministro e Subsecretário os Srs. Governadores Civis de Santarém e Leiria major Valente de Carvalho e Dr. Acácio de Paiva, Dr. Carlos Mendes, deputado e presidente da Câmara Municipal de Torres Novas, António Castelino de Sousa e Alvim, presidente da Câmara Municipal de V.ª N.ª de Ourém e alguns vereadores.

Depois do almoço visitaram demoradamente o Santuário e alguns terrenos exteriores. O Senhor Ministro mostrou o maior interesse pela construção de novas estradas que facilitem o acesso à Cova da Iria e pela rápida execução do plano de urbanização da Cova da Iria.

gem quer na Missa celebraça em São Roque quer na recepção dada na sede no Campo de Sant'Ana.

25 anos de vida sacerdotal tão zelosa, tão operosa, tão piedosa são bem motivo de parabens, de congratulação.

A *Voz da Fátima* que tem sido uma das trincheiras onde pacificamente o Sr. Bispo de Helenópolis se bate em defesa da verdade, a *Voz da Fátima* não podia deixar de, em nome dos seus mais de meio milhão de leitores vir agradecer-lhe todo o bem já realizado, pedir a Deus que dê vida, saúde e graças abundantes ad muitos annos.

Palavras de um médico

(3.ª série)

XVI

A mestra DA VIDA

Quando não compreendemos a marcha dos acontecimentos, devemos procurar saber o que se passou nos tempos antigos. A história, diz-se, é a mestra da vida, e as mesmas causas devem produzir os mesmos efeitos.

Nos começos do Século XIX, foi a Europa devastada por tremendas guerras, desta vez desencadeadas pela França, onde surgiu um dos maiores guerreiros que têm aparecido no mundo. Todos conheceram por tradição o tempo dos franceses, com as suas misérias. Já aqui me ocupei das tentativas de paz definitiva que os três grandes desse tempo pretenderam estabelecer (*Depois da guerra*) *Palavras de um médico*, II volume, pág. 93).

Em 26 de Setembro de 1815, os imperadores da Rússia e da Austria, bem como o rei da Prússia, assinaram em Paris um tratado de paz perpétua. Estabeleceu-se deste modo a chamada Santa Aliança, em nome da Santíssima e Indivisível Trindade.

Pouco depois, estalava por toda a Europa uma série de guerras civis, denominadas lutas liberais, que tantas devastações causaram.

Eram, talvez, bem intencionados os três grandes desse tempo, mas a Santa Aliança falhou. Pode agora revelar-se, como costumam dizer os jornais, que os mais abomináveis sucessos passados durante os dois últimos séculos, foram provocados pelas associações secretas, poder oculto mais eficiente do que o de todos os grandes.

Depois da chamada Grande Guerra, fundou-se a *Sociedade das Nações*, cuja acção falhou, como a da Santa Aliança.

Surge agora outra corporação internacional com os mesmos intuitos — a *Organização das Nações Unidas*. Que bom seria que a Humanidade acertasse agora e que a bomba atómica morresse ao nascer!

Mas a actual UNO difere muito daquelas. É constituída por meio cento de nações, mas quem mandará, a final de contas, são os grandes, que não se sabe bem se são três ou cinco.

Mas quantos grandes ficam de fora?

Não fazem parte Portugal e a Espanha, que já foram maiores que ninguém, e que, se Deus quiser, podem voltar a sê-lo. Se não fosse a obra das nações ibéricas, a maior parte dos membros da UNO nunca poderiam ter assento em Londres, porque nunca teriam nascido.

Também ficou à porta uma nação que nunca fez mal a ninguém — a Suíça. Uma nação que também não é grande em território, mas sob o ponto de vista moral, é a maior do mundo — o Vaticano — também não tem voto na UNO.

Com todas estas falhas, esperamos que a verdadeira Santa Aliança venha a surgir agora das forjas da política internacional.

19-1-46

J. A. Pires de Lima

BODAS DE PRATA

A família da *Voz da Fátima* conta entre os seus mais ilustres membros Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro Venerando Bispo de Helenópolis e Presidente da Junta Central da Acção Católica Portuguesa.

No passado dia 24 festejou S. Ex.ª Rev.ª o 25 aniversário da sua Ordenação Sacerdotal.

A Acção Católica Portuguesa pelos seus elementos mais representativos prestou-lhe uma calorosa homena-

**SINOS**  
Só em Braga  
e a fundição de sinos  
DE BRAGA  
é na Rua de Andrade Corvo, 72  
a 78 — TELEFONE, 2749  
Proprietário, SERAFIM DA  
SILVA JERONIMO

Visado pela censura